O MUTIRÃO

PERIÓDICO ANARQUISTA

julho/agosto

Nº 3

LUTA POPULAR NA BAIXADA

Vila Cláudia

Apesar da imprensa oficial só falar da Baixada Fluminense nas páginas policiais, normalmente com fotos violentas, não acontecem apenas crimes, estupros e tráfico nos municípios do Grande Rio. É preciso mostrar a todos que por tráz desta imagem de caos e sangue estampada nas primeiras páginas, existe um cotidiano de luta popular intensa. Mesmo deficiente, há um movimento popular organizado presente em muitas comunidades e um grande número de ativistas lutando pela melhoria das condições de vida. Precisamos resistir a esta campanha jornalística que aterroriza os trabalhadores para mantê-los isolados, fracos e silenciosos. Enquanto o Governo nos mantém com medo, enquanto os patrões nos mantém com medo, podem fazer e desfazer o que bem entenderem sem que ninguém levante a voz para dizer não, sem que ninguém ouse sair do anonimato para falar de justiça. A ideologia da criminalidade é um instrumento de opressão política!

Em Vila Cláudia, Belford Roxo, iniciou-se, por volta de 1986, uma importante ocupação de terras, a princípio realizada espontaneamente pela iniciativa de várias famílias. O movimento foi tomando fôlego, se ampliando, se organizando, e logo passou a contar com a participação ativa da Igreja Católica, progressista nesta área, e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Iguaçú. Hoje o movimento conta com cerca de 2.900 associados, e a posse da terra já é considerada uma questão definitiva, apesar de que a extensa área ocupada ainda estar sendo disputada na Justiça entre os moradores e a Companhia de Cerâmica Brasileira. A três anos atráz as famílias chegaram a sofrer uma criminosa ameaça de despejo, mas com a solidariedade de membros de vários outros mutirões, conseguiram resistir e permanecer na comunidade.

Segundo Jorge, um dos membros da diretoria da Associação de Moradores que nos concedeu uma entrevista, não se verifica influência de políticos na comunidade, e mesmo a FAMERJ não está presente no cotidiano local. Já receberam a visita de um deputado e da secretária municipal de educação, ouviram muitas promessas que até hoje nunca foram cumpridas. Ele disse: - "A gente tá nessa situação. A gente marca entrevista com as autoridades e ninguém nos recebe. Quando recebe é cheio de conversa".

A associação de Moradores de Vila Cláudia é ligada à FAMBER - Federação de Associações de Moradores de Belford Roxo - mas a Federação parou depois do seu último congresso.

Quanto à gestão da violência, nos interessou saber como ela se reflete na vida comunitária dos moradores. Na Vila Cláudia, por exemplo, morava o líder sindical João Félix de Aquino, morto em abril. Como então a comunidade expressa sua preocupação em relação à violência?

"As pessoas se recolhem, tentam fugir, mas a violência acontece em todos os lugares, em todas as populações carentes. As entidades populares, o Governo, as comunidades, a Igreja, deveriam fazer ações de conscientização. A televisão por exemplo, seria um meio de mobilização para essas coisas, mas eles não têm interesse de fazer isso. "disse Jorge.

Felizmente começavam a surgir sinais de organização, resistência e resposta popular contra a violência na Baixada. Dias depois da nossa ida à Vila Cláudia, ocorria uma passeata contra a violência nas ruas de Nova Iguaçú, realizada por entidades sindicais, religiosas e comunitárias da região.

Quando um figurão é sequestrado, a TV fica uma semana dando cobertura, mas a segurança dos trabalhadores nunca é discutida. Só a nossa união e participação nos movimentos populares será capaz de criar formas de luta eficientes na conquista da segurança pública.

A Baixada tem uma população trabalhadora, organizada e corajosa. As famílias de Vila Cláudia souberam agir, se organizar e conquistar o direito de posse da terra. Souberam dizer não à Companhia de Cerâmica Brasileira. A ocupação popular de terras é um ato conciente de desobediência civil contra os patrões e os governantes, os maiores criminosos da sociedade

CARTA ABERTA AOS PEQUENOS PRODUTORES

Estamos cansados de esperar por promessas, estamos com a paciência esgotada de bater na porta dos governos, fazer manifestações públicas, entregar documentos contendo nossas reivindicações.

QUEREMOS SOLUÇÕES

O Estado do Rio de Janeiro importa 80% dos alimentos que consome. Se continuar do jeito que está - sem incentivos, sem condições de produzir e com prejuízos na hora de vender - poderá ficar sem safra-agrícola por parte dos pequenos produtores, sofrendo o maior êxodo rural de todos os tempos.

É HORA DE REAGIR, DENUNCIAR, nossa realidade para a população que consome os produtos de nosso trabalho, e para os governantes que apesar de divulgarem falsos incentivos para a agricultura (financiamentos que não chegam nas mãos dos pequenos produtores) não estão preocupados em desenvolver uma política agrícola que atenda os nossos anseios e reivindicações.

O Estado do Rio se prepara para receber gente de todo o mundo para discutir ECOLOGIA. E a agricultura? Que importância tem? Qual o seu papel?

Montaremos com caixas vazias um acampamento, um FÓRUM para debates e exposições, chamando a atenção da imprensa, da população e do governo.

Tragam caixas vazias, algum produto para expor e vender, suas reivindicações e um pouco da cultura de sua região para o centro nervoso do Rio de Janeiro - Cinelândia, no dia 25 de julho (5ª feira).

Procure no local a comissão organizadora.

Comissão Estadual de Assentamentos Rurais

AS CAUSAS DA MISÉRIA

Num país em que a vida humana nunca valeu grande coisa, e as classes dominantes, historicamente, jamais tiveram o mínimo de pudor em promover a mais completa e descarada expoliação das classes produtoras, não seria possível esperar uma situação muito diferente da que estamos vivendo, atualmente. Mas a assustadora desigualdade social resulta da concentração de riquezas e da divisão de classes, é chocante DEMAIS, desumana DEMAIS, até mesmo para um sistema de capitalismo selvagem como este.

A situação de calamidade social neste país já ultrapassou há muito tempo todos os limites suportáveis. Com relação aos Direitos Humanos, ainda precisamos lutar pelos mais básicos, mais elementares e indispensáveis à sobrevivência humana.

O direito à moradia: constante em qualquer inútil constituição de qualquer país medianamente "democrático" e considerado um dos principais Direitos Universais do Ser Humano, é também um dos primeiros a lhe ser usurpado. Isso quando não lhe é roubado ao nascer o direito essencial, o direito à Vida.

Os resultados nós conhecemos bem: cidades superpovoadas, milhões de pessoas morando nas ruas - crianças, inclusive -, submoradias em favelas infectas, barracos depauperados, esgôto a céu aberto, fome, doenças endêmicas, crime, roubo, violência de forma sistemática massacrando principalmente a classe trabalhadora. Enfim, a miséria como foco e geradora de todos os males.

Porém o que ainda não foi muito discutido, pelo menos com a devida atenção, é quais são as causas primordiais dos males sociais e da situação caótica que vivemos e cujos efeitos todos nós sofremos.

QUAIS SÃO AS CAUSAS DA MISÉRIA? É justamente pela resposta dada a esta pergunta que é possível descernir a sinceridade dos que se dizem "defensores do povo" e os que realmente lutam pela emancipação dos trabalhadores em geral e da humanidade como um todo.

É pela resposta à este questionamento que é dado à classe trabalhadora discernir quais são seus verdadeiros objetivos e consequentemente, seus verdadeiros e reais inimigos, opressores e usurpadores.

Porque há os que pretendem substituir uma tirania por outra, uma opressão por outra, ou para ser mais claro, substituir um governo por outro, mantendo assim intactas todas as estruturas de dominação e exploração atuais, mudando apenas a linha ideológica e a classe dirigente, e perpetuando a tirania milenar denominada **governo.** Nós Anarquistas afirmamos: TODOS OS GOVERNOS SÃO RUINS, TODOS OS GOVERNOS SÃO NOCIVOS, TODOS OS GOVERNOS MENTEM. E quais são as causas da miséria? Quais são as causas dos males sociais? A isso respondemos: A PROPRIEDADE PRIVADA.

EXPEDIENTE:
Redação, editoração, diagramação, arte-final, revisão:

Grupo O MUTIRÃO

Correspondência:
Caixa Postal 126049
CEP 24240 - Niterói - RJ

SEMANA LIBERTÁRIA

O GAAD - Grupo Anarquista Ação Direta - está promovendo para agosto, no prédio central da UERJ, uma semana de atividades libertárias abertas a todos. O evento reunirá militantes dos diversos grupos do movimento anarquista do Rio e será uma ótima oportunidade para troca de informações e idéias. Pedimos que os interessados em participar que moram fora do Rio façam contato antes. A programação é a seguinte:

Dia 19/08, 2ª feira -

19:00h - Teatro: Amor e Poder, terminando em Vivência, por conta do grupo Somoterapia.

Dia 20/08, 3ª feira -

19:00h - Mostra de Vídeos Libertários

20:30h - Vídeo sobre AIDS (10º andar)

21:00h - Palestra e debate sobre AIDS, com especialista da SOMA (Aud. 93)

Dia 21/08. 4ª feira -

19:00h - Os anarquistas e o Mov. Estudantil, Debate (Aud. 93)

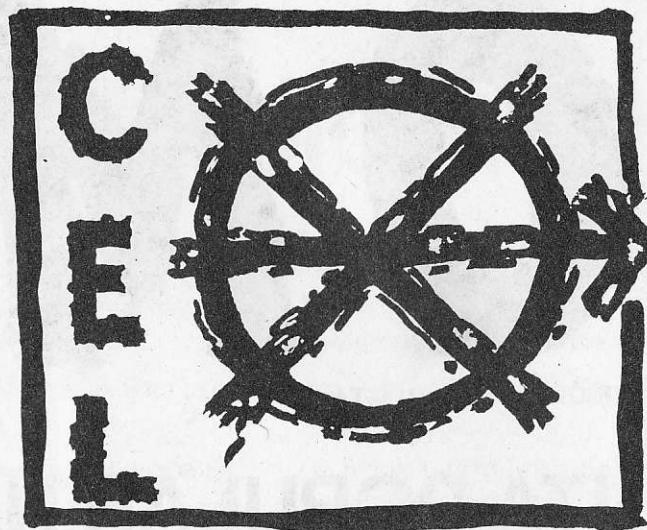
Dia 22/08, 5ª feira -

19:00h - Anarquia e Anti-Militarismo, debate com Jaime Cuberos (Aud. 93)

Dia 23/08, 6ª feira -

22:00h - Festa com som anarco-punk (bar do DCE).

Dia 25/08, domingo -

10:00h - Ato e protesto contra o "Dia do Soldado, dia do Coitado", na Quinta da Boa Vista.

O CEL - Círculo de Estudos Libertários - está promovendo debates, palestras e discussões abertas a qualquer interessado em participar. Em Junho os temas giraram em torno dos princípios libertários: Anarquismo; Ética e Moral Libertária, Individualismo e Coletivismo. No mês de julho a ênfase cairá sobre o movimento anarquista:

Dia 02/07 - Sindicalismo (debate)

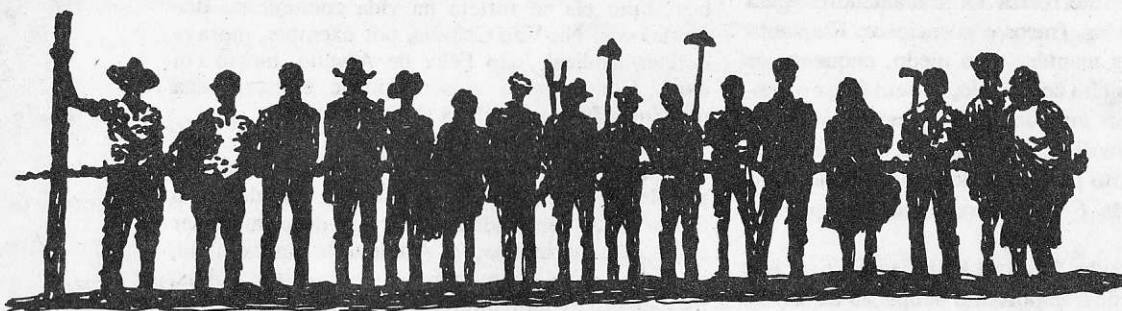
Dia 09/07 - AIT - Associação Internacional dos Trabalhadores (palestra com Ideal Peres)

Dia 16/07 - Ecologia e Anarquismo (palestra com Henrique Zucchi)

Dia 23/07 - Heterogestão, Cogestão e Autogestão (debate)

Dia 30/07 - Revolução Russa (debate)

A proposta é continuar-se o ciclo permanente de discussões. O CEL se reúne todas as terças, às 20:00h, na Escola Senador Corrêa, sala 5, Praça São Salvador, Largo do Machado. Confira!

VENHA DEBATER CONOSCO

IMPRENSA LIBERTÁRIA

- **Jornal Anarquia, do Movimento Anarquista de Curitiba. Cx.Postal 3395, CEP 82000, Curitiba, PR.**
- **Libera...Amore Mio, boletim informativo do Círculo de Estudos Libertários. Cx.Postal 14576 - CEP 22420 - RJ.**
- **Ação Direta, boletim informativo do Grupo Anarquista Ação Direta. Cx.Postal 68003 - CEP 21944 - RJ.**
- **Jornal MAIORIA FALANTE, periódico contra o racismo e a discriminação. Rua da Lapa, 200/808, Lapa, Rio de Janeiro, RJ - CEP 20021.**
- **Jornal A VOZ DO TRABALHADOR, orgão de divulgação da Confederação Operária Brasileira, importante periódico anarco-sindicalista. Cx.Postal 5036, CEP 90051, Porto Alegre, RS.**
- **EDITORIAL RECONSTRUIR, Calle Brasil, 1551 - Buenos Aires 1154 - Argentina.**

25 DE JULHO - TODOS À CINELÂNDIA

A Comissão Estadual de Assentados Rurais do Rio de Janeiro está convocando para o dia 25 de julho (dia do trabalhador rural) um manifesto camponês que reúna o máximo de trabalhadores para fortalecer as lutas no campo, sensibilizando a opinião pública para as dificuldades do produtor rural e pressionando os órgãos públicos contra o total abandono em que se encontram os camponeses hoje.

A manifestação será na Cinelândia, e foi chamada pelos seus organizadores como "O Dia das Caixas Vazias", pois serão colocadas no local vários caixotes vazios simbolizando a atual crise de produção agrícola.

E como anda de fato a situação dos camponeses da região? O nosso jornal mantém contato com os trabalhadores rurais e uma das questões centrais hoje é a estrutura de comercialização agrícola. Uma importante vitória foi a conquista do Pavilhão 30 no CEASA de Irajá, um espaço a princípio destinado aos pequenos produtores rurais associados, sobretudo aos assentados rurais. Todavia a situação do Pavilhão hoje, é crítica: com as grandes dificuldades de produzir e de transportar, os camponeses não estão conseguindo ocupar efetivamente seu Pavilhão. Para não deichá-lo às moscas - o que provocaria a perda deste espaço conquistado tão arduamente - a Comissão administrativa do Pavilhão se viu obrigada a sub-locar áreas para outros produtores.

Os financiamentos conquistados pelos camponeses ficaram bloqueados na burocracia do BANERJ e do BNDES. Eles seriam utilizados na compra de 14 caminhões para transporte dos produtos agrícolas dos pequenos produtores e na ampliação das instalações do Pavilhão. Agora, sofreram uma desvalorização brutal e, para serem liberados, dependerão de uma revisão completa do projeto, isto é, mais burocracia.

Os assentados reivindicam que a Secretaria de Agricultura do Estado assuma a gerência destes recursos, atualise o projeto de financiamento e dê uma solução concreta aos camponeses. Querem também maior assistência técnica da EMATER. Denunciam que em muitos municípios a EMATER não encontra apoio das prefeituras por diferenças partidárias.

A manifestação do dia 25 será de vital importância, considerando-se ainda que há uma luta política dentro do próprio CEASA, entre a administração geral, que mantém o atual modelo de comercialização rural baseado no monopólio das grandes empresas agrícolas, e a comissão do Pavilhão 30, que representa um foco de resistência dos pequenos produtores, e que pode um dia fazer do CEASA um grande centro de comercialização da pequena produção agrícola do Rio de Janeiro.

A luta pela comercialização agrícola voltada para os pequenos produtores faz parte de uma luta maior por uma Reforma Agrária ampla em todo estado do Rio, Uma vez libertada a terra e ocupada pelos trabalhadores, será necessária uma estrutura democrática e socialista de transporte e comercialização, que não atenda a uma minoria de privilegiados mas a todos os camponeses organizados em suas comunidades.

Hoje as prioridades são a garantia do Pavilhão 30 e o apoio à produção rural. A luta pela terra continua mesmo depois da sua conquista. Antes o Estado usava policiais, agentes da justiça e burocracia para expulsar os camponeses para a cidade. Agora usa o abandono, as leis de mercado e a guerra econômica para expulsálos. É hora de organização e solidariedade entre os trabalhadores rurais, participando das manifestações, se informando, pressionando. Mas não só os camponeses. Toda a população precisa cooperar nesta luta, pois são pequenos produtores que alimentam o povo. Aos grandes só interessa gado bovino e exportação. Enquanto nós não nos unirmos, continuaremos assistindo às mentiras dos governantes, que anunciam quantias fabulosas para "o apoio à agricultura" mas que só beneficia às grandes indústrias agropecuárias e aos grandes exportadores de grãos. Não passam de demagogos que gastam milhões em obras inúteis e se esquecem do campo.

ESCRAVIDÃO NO SUL DO PARÁ

A televisão vem dedicando enorme sensacionalismo aos casos de sequestro de grandes empresários, como se isso fosse o que há de mais grave e cruel nesta sociedade. A exploração criminosa sofrida pelos trabalhadores é totalmente boicoitada nos meios de comunicação.

Na fazenda Santo Antônio de Indaia, município de Ourilândia do Norte (Sul do Pará), 200 camponeses sofreram - e possivelmente ainda sofrem - um regime de escravidão, com espancamentos e vigia de capatazes.

A denúncia é feita pela própria CPT - Comissão Pastoral da Terra - mas a Polícia Federal nem sequer checou o caso, alegando falta de verba.

O Estado não move um dedo contra a escravidão de 200 pessoas. O silêncio da imprensa oficial prova sua cumplicidade com os patrões. Só a solidariedade dos trabalhadores pode dar uma perspectiva real de segurança popular. Já vivemos uma guerra civil de classes, não há pactos com assassinos, com escravagistas, não há trégua possível diante de tamanha covardia. O que ainda nos falta acontecer para nos revoltarmos? Será que já não é hora de dizermos basta? A escravidão de 200 camponeses é uma violência contra todos nós e pelo nosso amor próprio, pela nossa própria dignidade, lutemos contra este crime estúpido. O Grupo Mutirão pede a todos que denunciem este fato por todas as formas possíveis. Tentaremos de todos os meios conseguir maiores informações de todas sobre este fato para buscar encaminhamentos concretos de resistência e solidariedade aos escravizados da fazenda Santo Antônio de Indaia. Morte aos escravagistas.

GREVE GERAL: UM PROBLEMA DE CONCEPÇÃO

Após o malogro da última greve geral, fica evidenciado aquilo que afirmamos no número passado do MUTIRÃO: a infantilidade de se impingir comportamentos homogêneos a uma população inteira, como se esta fosse constituída de "vaquinhas de presépio". Pior do que o infantilismo é a crueldade de se dispôr de vultosas quantias, que poderiam muito bem ser aplicadas em coisas mais proveitosas para a classe trabalhadora que jogar pela janela, nas chamadas para a greve geral através das mídias, sabidamente instrumentos de dominação da burguesia reacionária. Pareciam, as chamadas convocação para a final de um campeonato ou um grande show popular.

Por tais atitudes desastradas e cruéis dos senhores da CUT E CGTs, pode-se colocar sob suspeita até mesmo a inteligência dos mandatários das centrais. Que são estreitos politicamente já sabíamos, mas tão carentes de capacidade analítica chega a surpreender. Afinal dominam o cenário sindical há um tempo razoável, e sem capacitação mínima não se sustentariam no poder.

O mais irônico dessa história toda é que os denominados "radicais" da CUT e CGTs, conseguiram numa só tacada desmobilizar o operariado para futuras ações e, entregaram de bandeja a rapadura a um dos maiores salafrários do sindicalismo, o gigolô de operário e capo da Força Sindical luís antonio medeiros (indigno de ter o nome grafado em letras maiúsculas).

Dentre outras falhas de organização da greve, o confronto de informações e contra-informações nas principais redes de televisão foi acintoso. Ora senhores sindicalistas, todos sabem que quem detém o monopólio das comunicações é o Estado, e este repassa os direitos de exploração a seus acólitos, representantes da burguesia mais canalha. Portanto qualquer informação paga a peso de ouro pelas centrais nas principais mídias era no minuto seguinte rechaçada, distorcida e desmentida.

Ao mesmo tempo que desmobilizavam para a greve, enalteciam a figura hedionda do ladravaz mór da Força Sindical. Quanta ingenuidade querer combater com as mesmas armas do inimigo, este mais rico, sagaz e senhor da situação. Outro aspecto falho foi o da mobilização dos tarefeiros, piqueteiros e bois-de-piranha das greves. Nem eles próprios acreditavam no sucesso da empreitada, como puderam constatar vários companheiros anarquistas que se dispuseram a colaborar com os mesmos. Daí conclui-se que tática e estratégicamente (termos militares que os socialistas autoritários adoram), a greve já fracassara no seu nascedouro.

Podemos citar, também, a luta intestina dos vários segmentos da CUT que almejam o poder. Ou seja, "aproveitemos e enfraqueçamos o poder do Peleguelli para, no momento oportuno tomarmos o poder. "Não é a toa que o próximo presidente da CUT será o clone de Lula, o tal de Vicentinho, do sindicato dos metalúrgicos do ABC. Essa ala do PT foi a vitoriosa, pois pôde reforçar a idéia de que "radicalizar no sindicato não dá resultado. O que interessa é deixarmos para nossos representantes lá no Congresso Nacional, eles são os representantes do povo e sabem o que é melhor para todos". Esse episódio nos lembra aquele ditado popular: "Casa que não tem pão todos brigam e ninguém tem razão".

Para nós, anarquistas, esta situação poderia ser proveitosa e atraente, se fossemos oportunistas e calhordas. Porém pelos nossos princípios, não devemos nos imiscuir em disputas alheias e mesquinhas. Devemos seguir nosso caminho de reconstrução de nosso movimento, sem perder de vista os fatos que nos rodeiam.

Continuamos a exigir: ***Sindicatos Livres***, pois não entendemos o sindicato apenas como um instrumento de luta econômica, e sim como uma organização de trabalhadores que atuam na busca da AUTOGESTÃO SOCIAL, onde quem controla os meios de produção são os trabalhadores coletivamente organizados, com a perspectiva de mudança radical da sociedade; ***Menor Jornada de Trabalho*** onde trabalharemos só o socialmente necessário, contra o embrutecimento do homem pela produção desmedida e manipulada; ***Educação libertária*** onde os professores sejam os próprios trabalhadores; Enfim uma sociedade ***igualitária, libertária, justa, fraterna e federalista*** onde não há igualdade sem socialismo e nunca haverá socialismo sem liberdade.

PRÉDIO É OCUPADO POR ARTISTAS

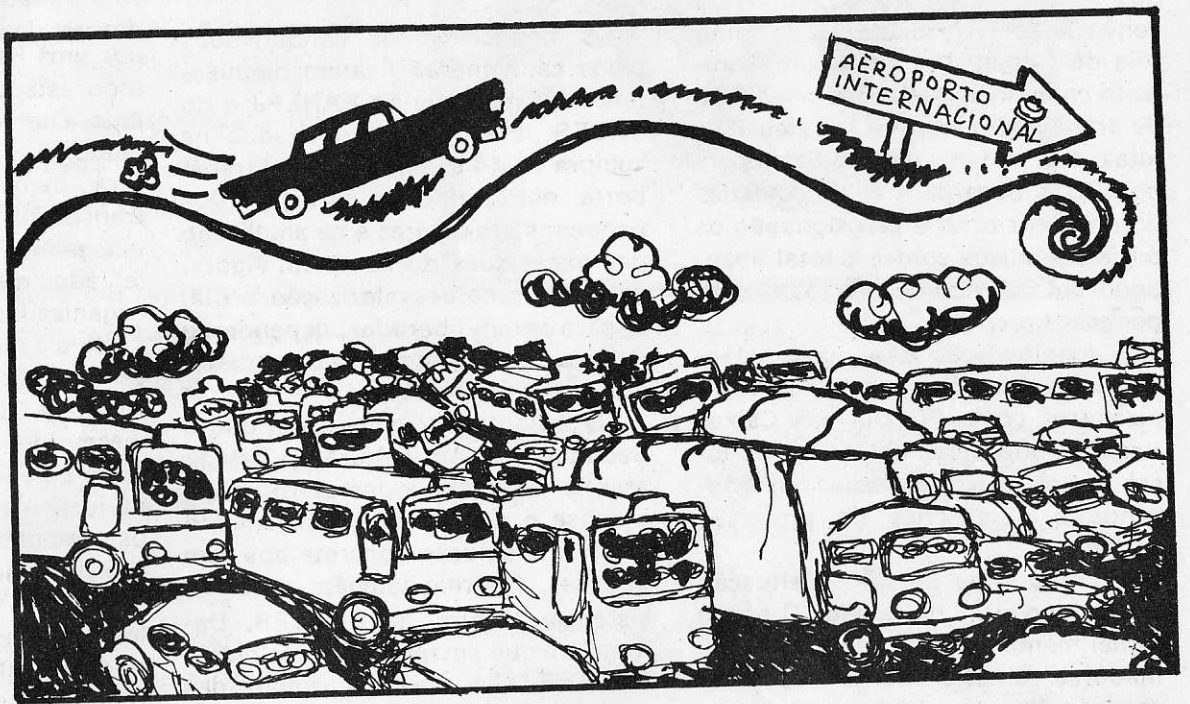
A Federação de Teatro Amador da Paraíba ocupou um prédio tombado pelo patrimônio histórico, no centro de João Pessoa. Os anarco-sindicalistas do núcleo da COB de João Pessoa estão participando desta ocupação, garantindo um espaço físico para o movimento, além da aproximação prática com os artistas da cidade.

Através de ações desse tipo o anarco-sindicalismo vai reconquistando sua importante estrutura que contava no início do século. Felicitamos os ativistas da Paraíba pela atitude, e esperamos poder noticiar mais fatos desse tipo nas diversas regiões do país.

O TAPETE VERMELHO

A Lei Estadual nº 1356, de 03/10/88, em seu artigo 1º, item I, diz que o licenciamento da implantação e da ampliação de estradas de rodagem com 2 ou mais pistas dependerá da elaboração do Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e do seu respectivo Relatório de Impacto Ambiental (RIMA). Porém, para a linha vermelha, não haverá EIA/RIMA porque esta mesma lei inútil diz que a Comissão Estadual de Controle Ambiental (CECA) pode dispensar o EIA/RIMA, simplesmente considerando a obra uma ampliação de obras já existentes. Dito e feito: a Linha Vermelha foi considerada ampliação do Viaduto de São Cristóvão.

Detalhe: o parecer da FEEMA sobre a Linha Vermelha saiu de uma "Comissão de Notáveis" inventada especificamente para este empreendimento, apesar da FEEMA ter sua Divisão de Licenciamento que deveria cuidar desta função. Neste país, os procedimentos se adaptam às conveniências políticas e econômicas.

A Linha Vermelha é a solução? Com este título o artigo do Professor Licínio da Silva Portugal (COPPE/UFRJ), publicado no JB, dia 06/05/91, denuncia que a Linha Vermelha privilegia os donos de automóveis, abandonando a população que usa trens, metrôs, barcas e ônibus. A saturação da Avenida Brasil é provocada pela deficiência do transporte público: 200.000 automóveis transportam 20% das pessoas nesta avenida, e os 80% restantes são transportados por 50.000 ônibus. Por estes números concluímos que um aumento de apenas 20% da frota de ônibus poderia retirar 80% dos automóveis das estradas, reduzindo o atual número de 250.000 veículos que passam diariamente na Avenida Brasil, para razoáveis 100.000 veículos/dia, desafogando e despoluindo esta rodovia.

Tais constatações demonstram o desrespeito absoluto com o povo.

A ausência de qualquer resquício de participação popular nas decisões governamentais sobre investimentos como este põe abaixo a farsa da democracia burguesa.

Ano que vem, quando os Chefes de Estado passarem por este tapete vermelho encomendado por Collor e Brizola, por esta obra faraônica anti-ecológica - pois estimula o aumento de automóveis particulares, que poluem o ar e os ouvidos - e anti social, para participarem da ECO'92, poderão olhar para os lados e avistar a espécie brasileira mais brutalmente agredida e desrespeitada: o trabalhador.

Grupo Anarquista
José Oiticica.

E A POPULAÇÃO NÃO FOI CONSULTADA...

O MUTIRÃO foi até a comunidade de Nova Holanda, em Bonsucesso, e conversou com Ernani - vice-presidente da AMANH (Associação de Moradores e Amigos da Nova Holanda) nas proximidades das obras do trexo da linha vermelha que passará paralela à Av: Brasil. As Comunidades da Maré ficarão localizadas entre duas autovias de grande movimento. E isto quer dizer poluição.

Ernani questionou a validade do projeto já que o Estado decidiu pelo gasto dos recursos sem consultar a sociedade se é um projeto viável. "O custo total da construção dessa estrada será de 45 bilhões de cruzeiros. Para termos idéia do que isso significa, com esse dinheiro poderiam ser construídas 18 mil casas duplex, como as que estão sendo feitas pela cooperativa em Nova Holanda" disse. E concluiu; "Uma estrada que servirá principalmente à carros particulares e à ônibus especiais do aeroporto não significa uma solução econômica. Se apenas 10% da população do Rio tem carro, fica claro à quem este projeto beneficiará. Enquanto em qualquer país estimula-se o menor uso de automóveis, aqui é ao contrário" disse Ernani.

Existem várias outras propostas que seriam soluções bem mais razoáveis aos problemas da Av. Brasil. Uma delas seria a criação de uma linha de barcas, outra a ampliação do metrô e da linha de ferro, fazendo assim do transporte da população uma prioridade. "É uma contradição do governo democrático voltado para a população, que no momento de eleger as prioridades nos quais será utilizado o dinheiro, não consulta a mesma." disse Ernani. "Qualquer pessoa que vive aqui pode indicar o que é prioridade." Exemplos são a habitação, obras de contenção de encostas e o saneamento básico em favelas. A falta de saneamento básico, por exemplo, é a grande responsável por endemias como a dengue e o Estado faz, atravéz dos meios de comunicação, uma campanha de responsabilização da vítima, no controle e combate da dengue, quando toda a causa desta doença tem relação com o saneamento básico.

Os governantes foram convidados às suas assembléias e fóruns para que apresentassem o projeto e eles nunca vieram. A AMANH foi várias vezes à grande imprensa fazer denúncias e foram dadas muitas entrevistas sem que nada tenha saído na imprensa.

O Estado manipula a opinião pública atravéz dos meios de comunicação para aparecer como quem está fazendo algo pela população enquanto faz é pelos senhores do sistema. Promete recursos para obras que são prioritárias para aquelas comunidades com verbas que ainda não existem como se estivessem dando algo em troca pela linha vermelha e não como necessidades básicas há muito reivindicada por aquelas comunidades.

Enquanto os tratores terraplanam a área por onde passará a estrada, a Associação continua seu trabalho na creche, na escola comunitária e na cooperativa mista de materiais de construção. A luta do cotidiano não é alheia mas também não depende das grandes decisões dos homens do colarinho branco.

OCUPANDO E RESISTINDO NA EUROPA

No mundo inteiro existem 100 milhões de pessoas que vivem nas ruas. No 3º mundo, 50% da população vive em terras ocupadas. Na Europa e nos EUA o problema de moradia é grande.

Nos últimos vinte anos cresceu o número de ocupações de casas na Europa. São os **Squatters** (posses). Pessoas que enfrentam o problema da falta de moradia fazem ocupações de prédios ou casas abandonadas. Os mutirões se organizam nas comunidades formadas para garantirem seu sustento e resistirem nas ocupações. Muitos **Squatters** possuem bares e outras atividades culturais.

Numa comunidade de **squatters** vive-se uma cultura e economia próprias. Os posseiros têm um modo de vida diferente. Mesmo o relacionamento inter-pessoal muda pois todos têm que trabalhar para manter a comunidade.

Um posseiro de Amsterdã (Holanda) explica como ocupar uma casa: "O prédio pode estar vazio. Então você começa a observá-lo, você sabe, você passa à noite e de manhã, vê se alguma coisa mudou. Pode até colocar alguns fósforos na porta pra ver se alguém entra ou sai. Você organiza 3 ou 4 pessoas e arromba a porta, com um pé-de-cabra, é claro. Você põe o seu próprio cadeado, põe uma cama, uma mesa e uma cadeira e você está instalado."

Nos últimos anos a repressão têm aumentado com a polícia violentamente desocupando **squatters**. Choques violentos têm havido em verdadeiras batalhas na rua. Alguns não conseguem manter sua ocupação mas sempre surgem novos. Outros encontram modos pacíficos porém eficazes de resistir, como acimentarem os pés no chão da casa. Se não impedem, pelo menos retardam a desocupação.

"Manter uma casa vazia numa cidade onde existem milhares de desabrigados é, no mínimo, anti-social" disse um outro posseiro holandês.

No mundo inteiro pessoas lutam pelo direito básico de moradia. Enquanto milhões são gastos em armas ou em obras gigantescas, multidões não têm onde morar. O Estado já demonstrou sua total incompetência na resolução destes problemas. Mostrou claramente sua função de proteger apenas um número de privilegiados com a repressão violenta das posses. Sua única linguagem é essa: porrada. A ação criativa e a resistência nos mostram que algo está mudando. O desabrigado fará a revolução.

Algumas ocupações resistem há vários anos

FÍSICOS VÃO À LUTA

Reunidos na Holanda, físicos do mundo todo decidiram batalhar pela divulgação da importância da ciência básica no desenvolvimento. Enfatizou-se que o desenvolvimento tecnológico só é possível com o ensino adequado de física e atividades experimentais para os alunos durante pelo menos os dois últimos anos da escola secundária.

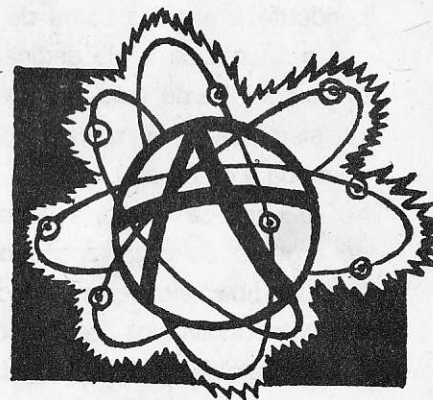
Dentre as conclusões do encontro, distribuídas sob forma de "Declaração", destacamos as seguintes:

1) Qualquer país que queira garantir o florescimento da industrialização, da saúde pública, da agricultura e de outros campos que usam as ciências aplicadas, precisará inevitavelmente de um programa de ensino e pesquisa em ciência básica bastante desenvolvido.

2) O papel essencial da ciência básica não é em geral aceito pela população, sobretudo a dos países pobres, onde há tantas necessidades urgentes. Pensa-se que a ciência aplicada basta. Mas não é verdade, pois o desenvolvimento deve ser precedido pela construção de um conhecimento básico.

3) Muito talento é desperdiçado, principalmente nas regiões pobres, por falta de um sistema educacional adequado. O ensino criativo e a experimentação são as necessidades principais, e inicialmente não requerem equipamentos custosos, embora estes devam ser proporcionados quando as perspectivas melhorarem.

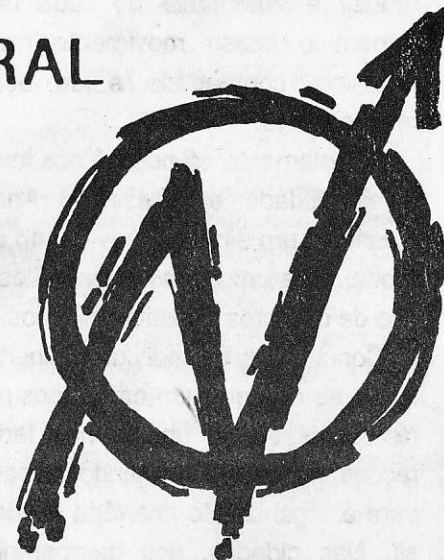
4) É um dever da comunidade internacional de universidades participar da elaboração de sistemas de ensino e atividades de pesquisa.

Com este informe, o jornal pretende despertar os socialistas para um dos principais flancos de libertação humana: a luta pela socialização da ciência. São os próprios físicos que afirmam que o desenvolvimento só é viável com a popularização do conhecimento básico. Precisamos formentar esta discussão e buscar coletivamente formas alternativas de intervenção social no campo educacional. A população compreende que a ciência gera poder, que pode ser uma arma de dominação ou de libertação. Não é à toa a proliferação de escolas comunitárias no Grande Rio, e nesta resposta popular contra a ignorância imposta está certamente a direção dos nossos esforços pela socialização do saber. Está aberto o espaço para o debate.

VILA SOCIALISTA PROVA A FARSA ELEITORAL

Saiu na contracapa da revista holandesa CLASH, de março de 1991, uma reportagem sobre a invasão pela PM paulista da Vila Socialista, ocorrida no final de 1990. O artigo com o título "Squatting in Brazil - Policiais atiram e matam dois sem-terra". Acusa principalmente a brutalidade da ação da Tropa de choque ao atacar indiscriminadamente homens, mulheres e crianças, deixando para trás um rastro de 2 mortos, 47 feridos - quase todos por espancamento - e 23 presos. Também é denunciado o então recém-eleito governador de São Paulo Luiz Antônio Fleury que durante a campanha eleitoral garantiu aos sem-terra sua permanência naquele local. Depois de eleito, repentinamente mudou de idéia, garantindo sim, a reintegração de posse ao proprietário Pedro Simões.

A revista CLASH é a publicação de resistência dos SQUATTERS - sem-teto - holandeses, apresentando artigos sobre os mais variados temas como ocupações de casas por toda a Europa, combate ao racismo, anti fascismo e pacifismo. Quem quiser entrar em contato com a CLASH para fazer denúncias ou pedir informações, escreva (se possível em inglês) para:

SLAGERZICHT
OVERTOOM 274
1054 BJ AMSTERDAM
HOLANDA

Obs: não coloque o nome CLASH no envelope por questão de segurança.

A VIOLÊNCIA NO CAMPO

Após uma trégua aparente no ano de 1989, quando o número de assassinatos no campo caiu para 56, a violência voltou a subir ano passado, com 65 camponêses mortos em áreas de conflitos de terra. Ao todo, os conflitos provocados por disputa de terras atingiram em 1989, 280 famílias envolvidas em 940 incidentes registrados pela **Confederação Nacional dos Trabalhadores Agrícolas.**

A concentração desigual da propriedade rural continua sendo, o principal fator de violência. Segundo critérios do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), 75,5% das propriedades rurais brasileiras são classificadas como minifúndios, ou seja, produzem basicamente para subsistência. Essas pequenas propriedades ocupam apenas 9,5% da área total de terras cultiváveis no país. Enquanto isso, os latifundios, caracterizados como propriedades improdutivas e ociosas, representam 29% dos imóveis, controlando 85% de todas as terras disponíveis. O Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra garante que os 20 maiores latifúndios do país controlam em torno de 17 milhões de hectares de terras. O movimento afima cerca de 45% das terras concentradas nas mãos dos latifundiários são cultiváveis, mas se encon tram completamente abandonadas, sem qualquer tipo de exploração, representando um total de 160 milhões de hectares. Ano passado, o procurador Alvaro Costa apurou que atualmente no Brasil apenas 80 milhões de trabalhadores rurais estão acima de 10 anos. Destes, cerca de oito milhões são camponeses com pouca terra. Outros sete milhões trabalham como assalariados e boiasfrias e seis milhões são camponeses que não possuem terra e que vivem como meeiros, arrendatários, parceiros e outros.

Camponêses Assassinados

Os principais casos de assassinato de componêses e líderes dos movimentos sem terra ainda sem punição na justiça são: Roseli Nunes da Silva, assassinada em março de 1987 na Fazenda Sarandi, Rio Grande do Sul, o menino Derli Cardoso de Oliveira morto a 25/01/1990, na Fazenda de Pirituba, município de Itapeva, São Paulo, Neoroni Pinheiros Rodriguês, morto em Bagé, no Rio Grande do Sul no dia 8 de abril.

Entre os campeões da violência rural figura a região conhecida como Bico de Papagaio, localizada entre o Sul do Pará, Sul do Maranhão e norte do Tocantins, e os estados da Bahia e Maranhão.

João R. Ripper

NOSSA ORGANIZAÇÃO HOJE

Fazendo uma autocrítica ao movimento anarquista no Brasil, que tem se refeito há alguns anos, constata-se que se a atividade libertária não apresenta um resultado correspondente à enorme soma de esforços e sacrifícios à ela dedicados, é devido à falta de uma ação metódica, sistemática, no trabalho de propaganda e de organização.

Evidencia-se então, a necessidade de urgente de organização dos indivíduos libertários, com o acordo livre entre indivíduos, os grupos formados pelo princípio da afinidade, e depois entre as federações, que sem reduzir a autonomia de cada um, tornem o nosso movimento mais orgânico, coordenado e de ação mais positiva.

O isolamento só poderá nos levar a esterilidade e reduzirá o Anarquismo a um simples movimento de moda, ou a um eterno torneio filosófico de doutores parasitas teóricos.

Concitamos os indivíduos libertários a se organizarem em grupos para depois serem unidos nas federações regionais, formando a base para a organização libertária no Brasil. Nas cidades, nos bairros, nos sindicatos, escolas, no serviço, onde haja dois ou mais camaradas de acordo entre si, deve se iniciar desde já um ativo trabalho neste sentido.

Apesar de lutarmos pela transformação radical da sociedade, achamos que os anarquistas, se não quiserem se isolar eternamente presos na torre dos ideais, mantendo uma atitude de meros espectadores cuja ação interessa apenas a um número limitado de pessoas mais ou menos ligadas ao movimento, não poderão estar alheios aos acontecimentos que passam no país e no mundo.

Julgamos que os libertários devem intervir sempre e ativamente nos momentos em que os direitos individuais e coletivos sejam postos em jogo, agindo no seio do povo. Auxiliando a sua organização. Contribuindo para o seu desenvolvimento. Dando o exemplo de esprírito de iniciativa. Despertando o interesse pelo problema da transformação social. Combatendo a ação daqueles que querem aprisionar o povo num partido, bem como as tendências de corporativismo das massas ou indivíduos que pretendem tornar a organização um instrumento de suas conveniências políticas ou pessoais. Desta forma, tornando o ambiente tanto mais libertário possível.

(Texto baseado num artigo de "A Plebe", de 18/03/1922).

Movimento Anarquista Universitário. Cuiabá/MT

TRIBUNAIS PERSEGUEM CAMPONESES

Ênio Bonembreger, Ivonete Tonin, Antônio Ademir Azevedo, Irma Maria Ostroski, Dionílson Marcon, Adelino Prado e Antônio Cesar Peruzo, foram indiciados em inquérito policial, por terem detido o fazendeiro Antônio Caggiano Neto com seus parentes e empregados durante a ocupação da Fazenda São Pedro, em Bagé (RS), no dia 8 de abril. Depois de perderem assassinado um companheiro durante a ocupação, o colono Neuroni Pinheiro Rodrigues, apenas render seus assassinos seria o mínimo que caberia fazer os camponeses.

Mas a quem os juízes e policiais se lançaram à perseguição? Acaso os latifundiários que vivem do luxo explorando os camponeses? Acaso os Assassinos de Neuroni ou dos tantos outros mortos nos conflitos pela terra? Não. A função dos tribunais é garantir os privilégios dos senhores da terra, como Seu Antônio Neto, manter os costumes e hábitos de submissão popular, vigiar e punir os trabalhadores.

É urgente a solidariedade prática da população. Manter-se informado e divulgar a violência estatal e patronal contra os posseiros é o primeiro passo para forjarmos a resistência popular. O ataque dos governantes e patrões com instrumentos legais ou ações criminosas contra um trabalhador atenta aos direitos de todos. Ressaltamos que o Governador do Rio Grande do Sul é do PDT, e recebeu total apoio do Brizola, que posa de "amigo do povo" aqui no Rio de Janeiro. Como Brizola, um latifundiário dos pampas, pode ter moral para falar de Reforma Agrária, enquanto os camponeses gaúchos governados pelo PDT sofrem tanta violência do próprio Estado? Mais que retalhar fazendas, a Reforma Agrária deve construir uma nova sociedade no campo, sem patrões, sem governantes, sem privilégios. Liberdade para os sete colonos indiciados! Até quando toleraremos tanta covardia? Vamos nos solidarizar.

O QUE É MUTIRÃO?

João R. Ripper

O Mutirão é a forma mais popular de autogestão

É uma forma de cooperação, ajuda mútua em que um grupo de pessoas se associam voluntariamente para executar tarefas em comum, beneficiando uma pessoa ou a coletividade.

Os trabalhos são os mais variados possíveis: construção de estradas, casas, escolas, açudes, limpeza de rios, de terrenos, plantações de árvores, pomares, hortas, colheita de plantações, etc...Ao final das tarefas, efetuadas gratuitamente, geralmente realizam-se festas, com música, danças, cantos e comidas.

O mutirão é uma forma de cooperação voluntária, muito comum nas zonas rurais do Brasil, daí se questionar suas orígens. Alguns atribuem aos grupos indígenas, acentuando que os Tapirapés fazem em comum a derrubada de árvores para o plantio de suas roças, dando a essa tarefa o nome de Apatxirum. Outros vão encontrá-los nas tribos africanas, como os Bantus, que o teriam trazido para o Brasil. Finalmente, um terceiro grupo afirma que o mutirão é de influência portuguêsa, pois nas aldeias o sistema de rogar os vizinhos para os trabalhos agrícolas é muito comum. É fácil deduzir que o mutirão não tem uma origem única, mas é um hábito de solidariedade muito comum em quase todos os povos do mundo e se arraiga no sentimento de simpatia, solidariedade social e ajuda mútua.

Foi o sábio anarquista Piotr Kropotkin (1842-1921), que em seu famoso livro, **A Ajuda Mútua, Um Fator de Evolução,** fez estudo aprofundado, não só na escala animal inferior mas também do gênero humano, de todas as formas de cooperação, mostrando que elas são fatores importantes na evolução e progresso da espécie humana. O Mutirão, que é uma forma específica de ajuda mútua, foi estudado pelo sociólogo Clovis Caldeira em seu livro **O Mutirão,** coleção brasiliana, Companhia Editora Nacional. O mutirão é também conhecido pelas denominações de muxirão, putirum, ademão, adjuntório, ajuri, arrelia e outras. I.P.

ATIVISTAS AGITAM BELO HORIZONTE

Membros do movimento punk libertário de Belo Horizonte estão realizando várias manifestações e panfletagem na capital mineira, ampliando o contato com a população, marcando presença no cotidiano político da cidade e difundindo os valores anarquistas.

No dia da Terra, 22 de abril, houve uma passeata com panfletagem denunciando que o modismo ecológico só serve para gerar lucros aos patrões, e que é preciso uma tomada de consciência ecológica crítica que resulte em atitudes concretas pela defesa do nosso planeta.

No dia dos Trabalhadores, 1º de maio, a passeata buscou imprimir um caráter de luta e conscientização autogestionária, resistindo à propaganda festiva e eleitoreira dos políticos, que fazem deste dia uma oportunidade de autopromoção.

Também no mês de maio fizeram uma manifestação contra o consumismo, em frente ao Shopping Cidade, que estava sendo inaugurado.

LIBERTÁRIOS SE FEDERALIZAM EM CURITIBA

Os grupos libertários de Curitiba somaram esforços e estão levando uma prática federativa, que reúne os sindicalistas da COB (Confederação Operária Brasileira), os membros da Juventude Libertária e o grupo L'armata Anarquista Brancaleone, formado basicamente durante a somaterapia que desenvolveram por um ano. No 1º de maio a COB realizou um evento popular que contou, além dos demais grupos libertários, com a participação de algumas associações de bairro. Os anarco-sindicalistas de Curitiba atuam numa prática de sindicalismo comunitário, abrangendo na luta de classes os problemas salariais e as questões sociais. Nos dias 8, 9 e 10 de maio foram realizadas três palestras: Educação Libertária, dada pelo Elton, do núcleo pró COB; Anarquismo no Brasil, dada por Jaime Cuberos, do Centro de Cultura Social e Soma e Anarquismo, dada pelo somaterapêuta Roberto Freire. Destacamos ainda a atuação do MEL - Movimento Estudantil Libertário, que vem procurando discutir a luta dos estudantes a partir dos valores anarquistas. De tudo isso, porém, a maior realização do movimento anarquista de Curitiba foi a publicação do ótimo jornal Anarquia, já no 2º número.

DESABAFO DE UMA PUNK

Ficam nos criticando de rebelde sem causa, mas quem critica é quem fica calado, senta, cruza os braços e aprecia uma possível guerra que se inicia.

Esse mundo capitalista que vivemos está cheio de miséria e a cada dia ela cresce mais. Mas nós punks estamos dispostos a nos rebelar, fazer o povo acreditar numa sociedade livre.

Aqui é o governo que manda, desmanda, nos explora e nos mata. Mas há uma esperança, de um novo mundo, um mundo onde todos vão se organizar por si próprios, um mundo sem fronteiras, onde todos viverão unidos por um só objetivo.

Mas a coisa não está fácil, no momento o que o povo tem feito é fechar a boca e esperar, abanando a cabeça e dizendo que não tem jeito.

O problema é que muitas pessoas vêem os fatos pelo lado positivo, outras vêem o dia-a-dia de suas vidas e continuam passivas.

Por que não lutar? Porque continuar vítima dessa sociedade?

Não, os punks não são assim, não existe conformismo num punk. Nós lutamos porque é preciso, mas ninguém parece querer ver isso. E não é por causa da repressão que vamos desistir. Vamos continuar lutando contra essa sociedade má, vamos continuar protestando, vamos continuar lutando pela nossa liberdade.

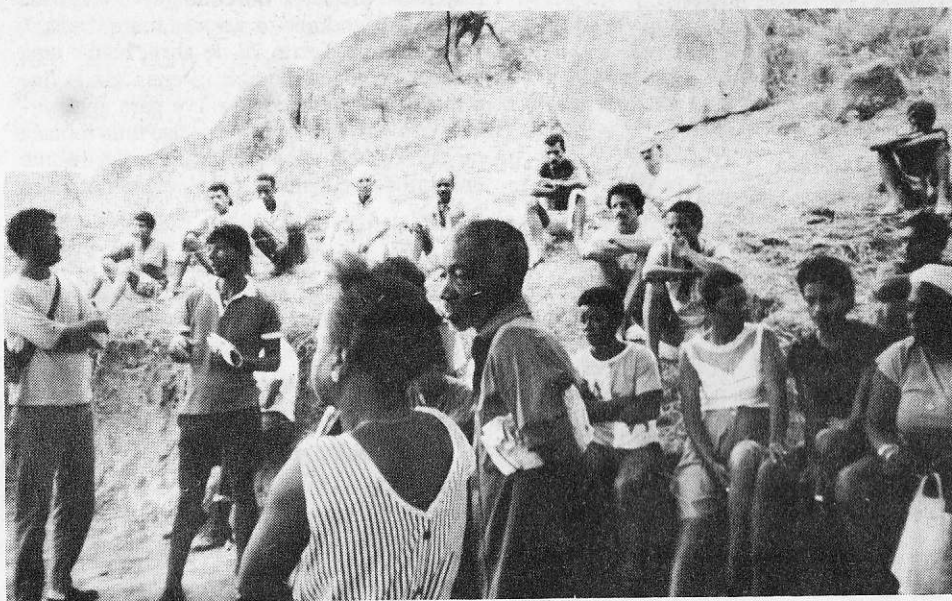
Luanda
Movimento Anarco Punk.

TOM PICTON

5º CAMINHADA PELA TERRA EM VALENÇA

Ocorrerá no dia 18 de agosto, no Mutirão de Vitória da Conquista, em Valença, RJ, a 5ª Caminhada pela Terra, um evento organizado por entidades religiosas e pelo movimento popular que contará com a participação de trabalhadores rurais de várias regiões de estado.

Será uma importante oportunidade para conhecermos melhor os ativistas populares engajados na luta pela Reforma Agrária, e divulgarmos nosso ideal libertário no interior. Os interessados em participar deste evento deve escrever para O Mutirão para acertarmos em conjunto como nos organizaremos para ir.

COMUNIDADE SE UNE PELA MORADIA

Moradores em assembléia organizam a ocupação

Moradores de Santíssimo, bairro da explorada Zona Oeste do Rio de Janeiro, se uniram na luta pela habitação digna e resolveram ocupar um terreno vazio, a fim de fugirem do aluguel sangue-suga (mais um roubo legalizado), e da difícil situação de dividir casinhas minúsculas com outros parentes.

Cansados de promessas eleitorais, planos governamentais e do blá blá blá de políticos e figurões sindicais, decidiram partir para a ação direta coletiva e organizada livremente, certos de que as soluções de seus problemas só virão da atitude dos reais interessados. - eles próprios. É como um deles nos afirmou: "tem que ser assim mesmo, porque ficar esperando pelo Governo não vai arrumar nada, tem muitas terras abandonadas aí que ninguém produz nada".

O Movimento de ocupação não é novo nesta comunidade. Já a pouco mais de um ano realizou-se a tomada de terras desabitadas, por um grupo de moradores locais, que até hoje permanece na área, alguns já com suas casas construídas. Porém a maior parte do terreno permanecia vazia, controlada por um grileiro que explorava pedras na área e se dizia o dono do pedaço.

Há cerca de três meses um novo grupo de moradores - em torno de 90 famílias - reiniciou a ocupação, dividindo os lotes, organizando reuniões comunitárias, fazendo contato com entidades de apoio. O movimento chegou a ter problemas com alguns vizinhos que temiam a possível favelização e criminalidade na área, mas o diálogo e a determinação dos ocupantes superou tais transtornos:

"Quiseram vir dar tiro e tudo. Só que nós estamos na nossa razão, essas terras não têm dono, e se tiver é o Governo, e se for o Governo é nossa, porque o Governo tem mais é que dividir as terras para o povo. O negócio é o povo abrir os olhos e enchergar os seus direitos" disseNos Jáder, um dos principais ativistas e mobilizadores locais.

Agora, a preocupação dos futuros moradores é a urgente ocupação definitiva do terreno. A dificuldade maior é a falta de recursos para se construir as casas, abrir ruas e fazer toda a infraestrutura. A comunidade está segura: "são muitas famílias, não tem lei nenhuma que possa impedir".

Para as obras, todos já chegaram a um acordo: a solução novamente será o trabalho coletivo em mutirão. Em reunião comunitária decidiu-se que os que já possuem condições de começar a construção devem tomar a iniciativa, todos ajudarão. Apoio profissional e material para construção já estão sendo providenciados com a FAMERJ (Federação de Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro).

Entretanto o principal projeto para solucionar a falta de condições para se construir é o de uma pequena fábrica comunitária de tijolos, a ser instalada no próprio terreno, e que futuramente servirá como fonte de renda independente para os interesses locais. Outro objetivo é o cultivo agrícola sobre uma faixa imprópria para a habitação. Esta será mantida em mutirão, para suprir o consumo dos próprios moradores.

O exemplo está dado. Deve ser seguido por todas as comunidades que lutam por moradia digna de seres humanos. Mas uma vez, a propriedade das terras mostrou ser uma regra imposta apenas pelo Estado, mas que a população contesta, não reconhece e insiste que a justiça está na **posse**, no uso de fato, e não no papel, na burocracia. Se os intelectuais marxistas andam confusos, que perguntem ao trabalhador, aos que andam de trem, que recebem uma miséria e moram às vezes num único cômodo: o povo precisa da propriedade ou da posse? A desigualdade e a bagunça existe por causa dos posseiros ou dos grandes proprietários parasitas?

Nós anarquistas acreditamos que a propriedade é um roubo contra todo o povo. Não existe justificativa para que ninguém monopolise as terras que não usam, as máquinas que não operam. A posse, ao contrário, é um direito legítimo que qualquer trabalhador entende e reconhece naturalmente, aprendido na universidade da vida.

Além disso, continuamos afirmando que a forma de conquistarmos uma sociedade livre, de adquirirmos nossos direitos sociais, é a ação direta dos interessados, é a solidariedade e a organização comunitária. Todos os partidos políticos não passam de variações da ditadura, cada um com seu modelo. Entregarmos a responsabilidade das nossas lutas coletivas para as mãos dos políticos é o erro mais antigo e nefasto que o povo comete. Só quando a população acreditar na sua própria força, na força da grande maioria, na força dos produtores, é que verá resolvidos de uma vez por todas os graves problemas sociais.

Cada vez mais a população percebe esse fato. Compreende que é a maioria e não deve abrir mão da sua força para nenhum congresso de falsos "representantes". A cada dia novas experiências de luta demonstram fracasso dos partidos políticos e a necessidade da ação direta. Como afirmou Jáder: "Nós somos verdadeiros anarquistas, porque temos a visão daquilo que nos compete, e temos disposição e força para mudar, não aceitar hierarquias. Não é esse o verdadeiro anarquista?"

"Abaixo todos os dogmas e filosofias - não são mais que mentiras - a verdade não é uma teoria senão um fato. A vida mesma é a comunidade de homens livres, independentes. É a santa unidade do amor que brota das profundezas misteriosas e infinitas da liberdade individual".

M.Bakunin, 1845.